

## **HISTÓRIA DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS: O QUE É?**

*Shirley Cabarite da Silva* (FATEA e FCT)  
[scabarite@uol.com.br](mailto:scabarite@uol.com.br)

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo determinar o lugar da História das Idéias Lingüísticas no campo da investigação sobre a ciência da linguagem, seu objeto de interesse e as ciências que a compõem. Logo, busca-se apresentar a História das Idéias, a História das Idéias Lingüísticas e a História das Mentalidades. Trata-se, portanto, de determinar os limites e o campo de atuação dessas disciplinas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Historiografia – Lingüística - Mentalidade

Nossa proposta neste trabalho é a apresentação de pressupostos da História das Idéias Lingüísticas e de outras disciplinas, no que têm em comum e no que possam justificar o procedimento na aplicação destas Disciplinas na análise de documentos que venham recuperar idéias lingüísticas num determinado tempo. Em outras palavras, tratamos da História das Ciências e dos conceitos de História das Idéias Lingüísticas, salientando alguns pressupostos da História das Mentalidades. Juntas, constituem um arcabouço valioso para a pesquisa dentro deste tema.

Segundo Pestre (1996, p. 37), a História das Ciências faz surgir objetos ocultos que são essenciais para a compreensão das práticas científicas; objetos estes dotados de historicidade, o que impede que a disciplina se feche em si mesma e, ao mesmo tempo, permite que ela se ligue à História Cultural, à História Industrial ou à História dos Instrumentos. Em suma, esses objetos, quando descobertos, possibilitam à História das Ciências reintegrar o conjunto de questionamentos históricos, sem nenhuma exceção. O estudioso enfatiza a importância dos aspectos externos, ou seja, o contexto onde tais idéias ocorreram, buscando focalizar o ‘objeto oculto’, a que ele se refere, isto é, a interferência de formas de saberes sobre outro saber.

No que respeita aos meios literários e retóricos, defendemos, juntamente com Pestre, que esses recursos são utilizados pelos intelectuais para assegurar a credibilidade de sua visão das coisas. O texto científico é um objeto construído segundo regras variáveis no

tempo e no espaço social; portanto, seria ingênuo considerá-lo transparente em si mesmo. O estudo das traduções sucessivas que os saberes conhecem, desde as cadernetas de laboratórios, as correspondências, os croquis, os rascunhos de artigos, até as versões publicadas, há muito tempo destacou que o *status* de evidência e de lógica dos resultados se modifica a cada contexto. Cada reescritura tem formações variadas: heurística, demonstrativa, reflexiva, filosófica, cujo peso varia de acordo com os locais e público-alvo. Em outras palavras, quando o historiador da Ciência resolve narrar o desenvolvimento de uma pesquisa ou recontá-la a partir de relatos prontos, ele pode fazê-lo sob outros prismas, isto é, considerando fatos esquecidos pelo primeiro historiador.

No Brasil, no início do século XX, esses saberes chegam ao país, mas sabemos que uma classe minoritária de pessoas privilegiadas socialmente tem acesso às ciências.

A História das Idéias Linguísticas, partindo dos mesmos pressupostos da História das Ciências, busca descrever e explicar como o conhecimento linguístico avançou, foi formulado e comunicado, e como se desenvolveu através dos tempos. Descrição e explanação estão contidas nessa reconstrução do passado; formam segmentos ou feixes de segmentos que se deslocam para o presente, não havendo razão para a separação de *status*, a não ser que se confine a uma visão empobrecida de descrição, como sendo um inventário de fatos, datas e nomes, algumas vezes denominado de crônica. Descrição da História das Idéias Linguísticas é a reconstrução do conteúdo mental, mais ou menos no seu estado explicitado e ocupando seu lugar no contexto social e cultural. (cf. Swiggers, 1990, p. 22)

Köerner (1972, p. 3-10) reforça essa idéia, advertindo para o fato de que a História das Idéias Linguísticas versa sobre matérias linguísticas, podendo qualificar uma História da Disciplina. Como uma matéria, até hoje tem sido definida de forma amadora. O historiador de determinada ciência precisa estar equipado de conhecimento científico específico, isto é, possuir certa quantidade de conhecimento sobre a história intelectual, que irá se encaixar dentro da matriz da história geral.

Segundo o autor, o historiador necessita de conhecimento amplo, o qual precisa ser resguardado *como conditio sine qua non*

por alguém engajado nas pesquisas de eventos passados, no que tangem ao desenvolvimento da Lingüística. Com efeito, e isso é o mínimo requerido do historiador num determinado período estabelecido, pode-se falar de História das Idéias Lingüísticas a partir da discussão e exploração da epistemologia desta complexa disciplina e da subsequente criação de uma direção metodológica para sua investigação e apresentação.

Dessa forma, para o estudioso, a meta segundo a qual se estabelecem as várias definições sobre a disciplina consiste num campo que indaga sobre quais serão as bases que sustentarão os fatos do nosso passado lingüístico: *sine ira et studio demanda* lugares nobres para a sabedoria individual, distância do escopo, tamanho do conhecimento, o que de fato requer um conhecimento enciclopédico por parte do investigador, dada a natureza interdisciplinar dessa atividade. Além disso, o uso da distinção contemporânea da História das Idéias Lingüísticas tem sido ‘teoria orientada’ e não ‘data orientada’, ainda que nenhuma dúvida sobre a leitura dos fatos originais tenha de ser feita na ordem do estabelecimento adequado desses fatos para o desenvolvimento da disciplina.

Atualmente, estudiosos da História das Idéias Lingüísticas e da História Social da Ciência afirmam, ao resolverem investigar cada qual seu objeto de estudo, a necessidade de se remeterem à questão da internalização e da externalização, embora, no passado, tanto a História das Idéias Lingüísticas como a História Social das Ciências buscassem focalizar um ponto de vista em detrimento do outro, acreditando na impossibilidade de abordar um fato histórico, considerando o contexto e conteúdo.

Desconsiderar a possibilidade da concomitância entre a história interna e a externa, isto é, entre conteúdo e contexto, hoje, é assumir uma posição positivista que leva ao reducionismo na investigação do fato histórico. David Hass (1997) considera os saberes como uma possibilidade histórica, acreditando, juntamente com Foucault, que o conhecimento é construído a partir da normatização da sociedade moderna. Hass entende a ciência como uma instituição social em que o conhecimento contribui para a organização social. Defende que na elaboração das teorias científicas entram condições históricas; os saberes refletem acontecimentos e condições sociais. Lo-

go, considera o contexto na explanação interna dos fatos científicos, ou o que insistimos em chamar de história externa e história interna integradas.

Saldaña (1996) também defende a importância de se tratar da história da ciência, considerando aspectos internos e externos. Sobre a necessidade de interação entre contexto e teoria, dentro dos estudos da História das Idéias Linguísticas, Swiggers (1987) afirma que a descrição deve partir da reconstrução do conteúdo mental, mais ou menos no seu estado explicitado e ocupando seu lugar no contexto social e cultural.

Diz, ainda, que a Historiografia Linguística como vem sendo estudada nos últimos trinta anos tem testemunhado a separação entre o que ele denomina conteúdo-orientado e contexto-orientado em sua descrição. O período mais ilustrativo analisado é o século XVIII, que tem atraído pesquisadores interessados no desenvolvimento das teorias fonéticas e sintáticas, na coerência interna da teoria das classes das palavras ou no avanço conseguido na descrição do francês.

Segundo Swiggers (1987), atualmente, conteúdo e contexto estão a caminho de se unir, uma vez que sua co-ocorrência é natural; não é coincidência que a reflexão gramatical tenha-se originado do contato cultural e por ele foi estimulada. A História das Idéias Linguísticas não desconsidera a questão da descontinuidade e cita como exemplo a teoria de Whitney que pensa a língua no seu aspecto social, num momento que se tinha a língua num aspecto natural e genético.

Referindo-se às dificuldades enfrentadas pelos estudiosos que resolvem fazer História das Idéias Linguísticas, Bright (1992) afirma que esta é uma disciplina que vem sendo estudada intensamente. Novas revistas estão sendo fundadas, incluindo Historiografia Linguística (1974), Epistemologia e Língua (1979); tal intenção tem a ver com o fato de hoje aflorarem os interesses pela História da Ciência. No século XIX, os relatos da história de várias disciplinas filosóficas foram permeados de profundo espírito nacionalista e não passaram de mera coleção de fatos. Hoje, os historiadores pretendem dar um cunho mais científico a suas investigações, o que significa haver maior preocupação com teorias e métodos seguros, bastante discutidos nos textos sobre problemas de periodização, de metalinguagem descritiva e de evolução retrospectiva.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A complexidade que envolve o estudo da História das Idéias Linguísticas diz respeito ao fato de haver diferenças na velocidade do desenvolvimento, na cronologia e intensidade dos contatos entre as tradições greco-latina ou européia, chinesa e indiana e outras. Tal complexidade concerne não só a uma sucessão e talvez coexistência de tendências opostas dentro de uma determinada tradição, mas também à continuidade e descontinuidade de seus interesses e práticas. Segundo o autor, há outro problema que complica a investigação na área da Historiografia: o da documentação e do acesso às fontes primárias, embora hoje, com a reimpressão e os microfilmes, já seja possível a recuperação de vários textos clássicos.

Além das dificuldades já citadas, há ainda a que Fávero (1996) aponta e que diz respeito à “distância espaço-temporal entre o cenário em que viveram as personagens que produziram as obras que constituem o objeto de estudo do trabalho e contexto em que se produz o mesmo trabalho.” Quanto à análise dos documentos, a dificuldade está na vasta e vaga fronteira de seu campo. A História das Idéias Linguísticas não inclui apenas a prática e a teoria da História da Gramática e da Lexicografia, mas também a história de atitudes de policiamento da linguagem, da Semântica Lógica e dos relatos religiosos da linguagem.

Há duas formas de se fazer análise que podem ser distinguidas, embora concedidas por uma variedade de modelos expositivos. A primeira é dar ênfase à história interna do pensamento linguístico, para favorecer o estudo da evolução da própria Linguística e sua descrição. A outra diz respeito à história externa do pensamento linguístico, resultando num estudo do contexto sócio-cultural, em que as idéias linguísticas têm se desenvolvido. Adverte, ainda, para a importância da concomitância entre as duas, e mais: devem-se tratar os documentos com isenção de qualquer base ideológica e de infundados preconceitos. Nisso a autora está em consonância com as idéias de todos os estudiosos que foram e serão citados nesta pesquisa.

Podemos concluir que as definições propostas por Swiggers, Köerner e Bright sobre História das Idéias Linguísticas se assemelham e se completam. As propostas metodológicas desses estudiosos são também coerentes com a proposta de Pestre para a História da Ciência. Em relação à História das Mentalidades, Le Goff (*op. cit.*)

defende a idéia de que esta obriga o historiador a interessar-se mais de perto por alguns fenômenos essenciais de seu domínio: as heranças, das quais o estudo ensina a continuidade, as perdas, as rupturas (de onde, de quem, de quando vem esse hábito mental, essa expressão, esse gesto?); a tradição, isto é, as maneiras pelas quais se reproduzem mentalmente as sociedades, as defasagens(...). “Os homens servem-se das máquinas que inventam, conservando as mentalidades anteriores a essas máquinas”. Os operários das fábricas do século XIX apresentam a mentalidade dos camponeses, seus avós e pais. A mentalidade, nesse sentido caminha com mais lentidão do que os fatos sociais. Logo, as mentalidades mantêm com as estruturas sociais relações complexas, mas não desligadas delas.

Le Goff afirma que o objeto do estudioso da mentalidade é o coletivo. A mentalidade de um indivíduo histórico, sendo esse um grande homem, é justamente o que ele tem em comum com outros homens de seu tempo. “A coexistência de várias mentalidades em uma mesma época e num mesmo espírito é um dos dados delicados, porém essenciais da História das Mentalidades.”

Logo, toda manifestação de idéias em torno de um dado saber sofre influências, não só de acontecimentos políticos, culturais, econômicos e sociais, como também de tipos de mentalidades herdadas do passado. O objeto de estudos da História das Idéias Lingüísticas é justamente o resgate dessas idéias, não simplesmente descritas com um fim em si mesmas, isto é, não descritas isoladamente, desprovidas de fatos externos; mas, pelo contrário, examinadas à luz dos dados históricos dos quais resultaram. E são esses os objetos ocultos a que se refere a Disciplina. Pesquisadores que fazem História das Idéias Lingüísticas descrevem o desenvolvimento de teorias sobre a linguagem, considerando contexto e conteúdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIGHT, Willian. *Internacional Encyclopedia of Linguistic*. Editor in Chief, vol. 2. New York: Oxford University Press, 1992.

FÁVERO, Leonor Lopes. *As concepções lingüísticas do século XVI-II. A gramática portuguesa*. Campinas: UNICAMP, 1996.

———. *As palavras e as coisas*. (trad. Salma Tannes Michael) 6ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HESS, D. *Social Studies of Science*. New York, University Press, 1997.

KÖERNER, E.F.K., Bloomington, Indiana. *Revue Internationale pour l'histoire de la linguistique. International Journal for the History of Linguistics*. Amsterdam: Advisory Editorial Board Amsteldyk 44, 1974.

LE GOFF, Jacques. *As Mentalidades. Uma história ambígua*. In: — e NORA, Pierre. *História: Novos Objetivos*. Trad. Terezinha Marinho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

PESTRE, Dominique. *I' Étude Sociale des Sciences - Bilan dès Anées, 1970/1980 et Consequences pour le Travail Historique*. Paris: Centre des Recherches en Històire des Sciences et Techniques, La Villette, 1992.

SALDAÑA, Juan José (coord.). *Historia social de las ciencias en América Latina*. México: Miguel Angel Porrúa 1996

SWIGGERS, Pierre. Reflections on (Models for) Linguistic historiography. In: *Understanding the Historiography of Linguistics. Problems and Projects*. Hüllen, W., 1990.

———. *Histoire de la pensée linguistique. Analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XIX siècle*. Puf Linguistique\_Nouvelle. Paris: Press Universitaires de France, 1997.

———. L'historiographie des sciences du langage: intérêts et programmes. In: BAHNER, Werner et alii (ed.) *Proceeding of the Fourteenth International. Congress of Linguists*. Berlin, August 10-15, 1987.